

Erick Omena

Vulnerabilidade socioeconômica à crise COVID-19

o turismo como fator de alto risco

Resumo

Este artigo constrói indicadores de alta vulnerabilidade nacional e municipal à crise econômica associada à pandemia COVID-19. Tais indicadores se baseiam em dados macroeconômicos relativos ao grau de dependência frente à atividade mais diretamente impactada pela interrupção de fluxos de pessoas, de acordo com a literatura que tem tratado das consequências da pandemia: o turismo e setores afins. Os resultados demonstram que os territórios mais vulneráveis no Brasil e no mundo tendem a ser aqueles de pequenas dimensões, altamente conectados com centros globais de emissão de turistas e dependentes de atrativos naturais excepcionalmente valorizados, subsidiando assim a indicação de diretrizes para ações mitigatórias.

COVID-19

Pandemia

Crise

Vulnerabilidade

Desigualdades

Abstract

This paper builds indexes of high national and municipal vulnerability to the economic crisis associated with the COVID-19 pandemic. Such indexes are based on macroeconomic data regarding the level of dependency on the most impacted activity, according to the recent specialized literature: tourism and related sectors. Results demonstrate that the most vulnerable territories, in Brazil and in the world, tend to be those with small physical dimensions, highly connected to global tourist generating centres and highly dependent on natural attractions. These results underpin guidelines for mitigation actions, presented in the concluding section.

COVID-19

Pandemic

Crisis

Vulnerability

Inequality

INTRODUÇÃO

Há pelo menos um século a dinâmica desigual e combinada do desenvolvimento territorial capitalista tem sido estudada (Demier, 2007). Alguns autores também analisaram as variações territoriais da implementação de políticas neoliberais no mundo (Brenner, Peck e Theodore, 2012). Porém, considerações sobre tais desigualdades são, sobretudo, referenciadas em contextos de expansão econômica, sendo mais raramente tratadas em momentos disruptivos excepcionais (Scheidt, 2017; Klein, 2009). A reflexão sobre tais peculiaridades e suas consequências se tornou especialmente relevante quando a epidemia COVID-19, inicialmente restrita à região de Hubei na China, rapidamente se transformou em uma pandemia, com consequências econômicas, sociais e políticas em todo o planeta.

Neste âmbito, o presente texto tem por objetivo identificar os territórios de mais alta vulnerabilidade socioeconômica frente aos impactos da pandemia COVID-19. Para tanto, o artigo se encontra dividido em três partes, para além desta introdução. Primeiramente, explora-se a bibliografia produzida recentemente sobre as consequências da pandemia. Em seguida, são apresentados os índices de vulnerabilidade nacional e municipal à crise, com base em informações macroeconômicas sobre o grau de concentração territorial da atividade econômica entendida pela literatura como mais frágil às restrições de mobilidade, isto é, o turismo. Por último, sugerem-se algumas diretrizes para ações mitigatórias.

DESIGUALDADE E EFEITOS SOCIOECONÔMICOS DA PANDEMIA COVID-19

Efeitos imediatos

Estimativas recentes indicam que o número de vítimas da pandemia COVID-19 poderá variar entre pouco mais de 1 milhão e 40 milhões de pessoas em todo o mundo, dependendo da rapidez e do grau de adoção de medidas de isolamento social adotadas (Walker et al., 2020). Porém, conforme ressaltado por Butler (2020) e Harvey (2020), embora a atuação do vírus não faça distinção entre seres humanos, as formas de combatê-lo não deixam de ser articuladas a partir de estruturas inevitavelmente permeadas por distinções de classe, raça, gênero e nacionalidade.

Por si só, a pressão neoliberal por austeridade nos últimos 40 anos e a consequente fragilização dos sis-

temas públicos de saúde reduziram as possibilidades de respostas mais efetivas e equânimes à pandemia (Harvey, 2020; Davis, 2020; Badiou, 2020). Complementarmente, a inexistência de sistemas universalizados em países populosos, como os EUA, faz com que as camadas mais pobres não tenham acesso gratuito a tratamento médico, reforçando esta tendência (Davis, 2020). Sabe-se, ainda, que mais de 70% da força de trabalho mundial empregada nos sistemas de saúde são compostas por mulheres (ILO, 2020) e que em muitos dos países de capitalismo avançado grande parcela destes trabalhadores é formada por minorias étnicas e imigrantes, fazendo com que estes grupos estejam mais expostos (Mueller, 2020).

Contudo, as desigualdades são particularmente explicitadas pelo fato de a prática protetiva do autoconfinamento ter se tornado um privilégio das classes mais abastadas. Embora a quarentena tenha diminuído a circulação em todos os estratos, os mais ricos puderam aderir às restrições mais rapidamente e em maiores proporções. Isso porque aqueles que trabalham em serviços essenciais – parcial ou totalmente excluídos das restrições de mobilidade – são também os mais mal remunerados e com piores condições de trabalho (Valentino-DeVries et al., 2020). Ao mesmo tempo, no âmbito das relações exteriores, as desigualdades se expressam na utilização do poder econômico dos EUA para canalizar quase exclusivamente para aquele país os benefícios de uma futura vacina (Butler, 2020) e os equipamentos médicos de combate à pandemia, como respiradores e máscaras, deixando países pobres sem condições mínimas de reação (BBC, 2020). Em seu conjunto, tais observações corroboram a já observada relevância da exclusão baseada em atributos de nacionalidade, classe, raça e gênero para a manutenção de desigualdades duráveis (Tilly, 1999).

Efeitos da crise econômica

Não obstante a indubitável gravidade destes impactos imediatos, espera-se uma catástrofe ainda mais abrangente causada pela consequente retração da economia mundial, cuja fragilidade já vinha sendo explicitada por diversos estudos (Harvey, 2018). Neste sentido, Han (2020) vê a crise sanitária como apenas a última gota d'água, o prelúdio de um *crash* maior. Harvey (2020) demonstra que uma depressão é de fato inevitável, pois os dois principais pilares do processo de recuperação da crise de 2007-2008 foram atingidos em cheio, isto é, a acelerada industrialização e urbanização chinesa e o consumismo efêmero mundial. Este último, em particular, permitia ciclos de acumulação cada vez mais acelerados, que vinham

servindo de base para a expansão econômica, mas que foram agora bruscamente freados. O resultado deverá ser uma retração entre 5% e 20% da economia global (Sumner et al., 2020). Para o Brasil, a expectativa é de uma retração de pelo menos 5% do PIB, em função não apenas da desaceleração do consumo, mas também pela queda dos preços do petróleo (The World Bank, 2020).

Algumas projeções dos impactos sociais decorrentes do que o Fundo Monetário Internacional chama de “pior crise econômica desde a Grande Depressão” de 1929 também vêm sendo divulgadas. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), 81% da força de trabalho mundial reside em países com quarentena obrigatória ou recomendada, acarretando a perda de ao menos 25 milhões de empregos – que, caso confirmada, se sobreporia ao desemprego gerado pela crise de 2007-2008. Contudo, conforme observado pela própria instituição, este é um número bastante subestimado e o impacto deverá ser bem maior (ILO, 2020). De fato, somente nos EUA, entre o início da pandemia e a última semana de abril, foram realizadas mais de 26 milhões de requisições de seguro-desemprego – o equivalente a mais de 15% da população ocupada naquele país, batendo todos os recordes históricos (Riotta, 2020). Espera-se que algo em torno de 500 milhões de pessoas passem a viver em condição de pobreza no mundo (Sumner et al, 2020).

Estes impactos também estão longe de serem sentidos de forma equânime. A OIT prevê que o desemprego mais intenso será sentido nos setores de comércio varejista e no de turismo e serviços de alimentação, em função de suas altas concentrações de trabalhadores informais, precarizados, de baixa qualificação e menor remuneração (IOL, 2020). A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) corrobora esta fragilidade ao indicar que o turismo já é a atividade mais afetada na região, ressaltando que 99% de suas pessoas jurídicas são classificadas como micro ou pequenas empresas e empregam 77% do total da força de trabalho do setor (CEPAL, 2020). Harvey enxerga esta atividade no epicentro da catástrofe socioeconômica e reconhece sua completa ruína, tanto por conta de seu anterior protagonismo na retomada do crescimento pós-2007-2008 quanto pelos efeitos mais drásticos sentidos por seus agentes em função das restrições de movimento impostas pela quarentena. Segundo ele:

As visitas internacionais aumentaram de 800 milhões para 1,4 bilhão entre 2010 e 2018. Esta forma de consumismo instantâneo exigiu investimentos maciços em infraestruturas de aeroportos e companhias aéreas, hotéis e restaurantes, par-

ques temáticos e eventos culturais, etc. *Este local de acumulação de capital está morto*: as companhias aéreas estão perto da falência, os hotéis estão vazios e o desemprego em massa no setor hoteleiro é iminente. Comer fora não é uma boa ideia e os restaurantes e bares fecharam em muitos lugares [...] Eventos como festivais culturais, torneios de futebol e basquete, concertos, convenções empresariais e profissionais, e até reuniões políticas em torno de eleições foram cancelados. *Estas formas de “consumismo experiencial baseado em eventos” foram extintas* (Harvey, 2020, p. 20, grifo nosso).

Análises sobre a realidade brasileira revelam um diagnóstico semelhante. Dados de localização de celulares no país demonstram que lugares relacionados às atividades descritas como “recreação e comércio” (restaurantes, cafés, shoppings, parques temáticos, museus, cinemas e bibliotecas) e “parques” (parques nacionais, praias públicas, marinas e praças), isto é, exatamente aqueles mais comumente visitados por turistas e de consumo mais efêmero, foram os mais impactados, sendo os únicos com redução de fluxo de pessoas acima de 70%. No mesmo período, supermercados, farmácias e locais de trabalho apresentaram a menor redução de visitas, em torno de 35% (Google, 2020).

Consequentemente, o setor do turismo no Brasil já registra as mais drásticas perdas. Apenas na segunda quinzena de março de 2020 foi registrada uma queda de seu faturamento de 84% em relação ao mesmo período do ano anterior (Tondo, 2020). Até o início do mês de abril, ao menos 60 grandes hotéis do Rio de Janeiro – a segunda cidade mais visitada por turistas no país – já estavam fechados (Magalhães, 2020). A demanda por viagens aéreas no país registrou uma queda de 90% (Dyniewicz, 2020).

O fato de o setor de turismo ser o mais impactado acentua o problema da distribuição desigual das consequências sociais, uma vez que este é, também no Brasil, uma atividade com peculiar predomínio de pequenos e fragmentados capitais e alta concentração de mão de obra precarizada. Assim, para além da aguda vulnerabilidade setorial, há ainda um alto grau de vulnerabilidade das pessoas nele empregadas.

MENSURANDO A VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA

Tendo em vista a peculiar fragilidade do setor de turismo e afins frente à crise econômica que apenas se inicia, é logicamente pertinente esperar que os territórios mais atingidos sejam aqueles onde tais atividades

são predominantes. Faz-se fundamental identificá-los, pois isto poderá subsidiar políticas públicas que atendam prioritariamente às áreas mais necessitadas.

Com este objetivo em mente, a presente seção apresenta alguns indicadores que mensuram o grau de vulnerabilidade socioeconômica à depressão econômica associada à pandemia COVID-19. Tais indicadores são construídos com base no grau de dependência de economias nacionais e locais frente às atividades mais vulneráveis à brusca redução de deslocamentos populacionais. Assim, baseando-se nas análises e dados apresentados anteriormente, parte-se da seguinte premissa: quanto maior o predomínio do turismo em um dado território, maior será sua vulnerabilidade.

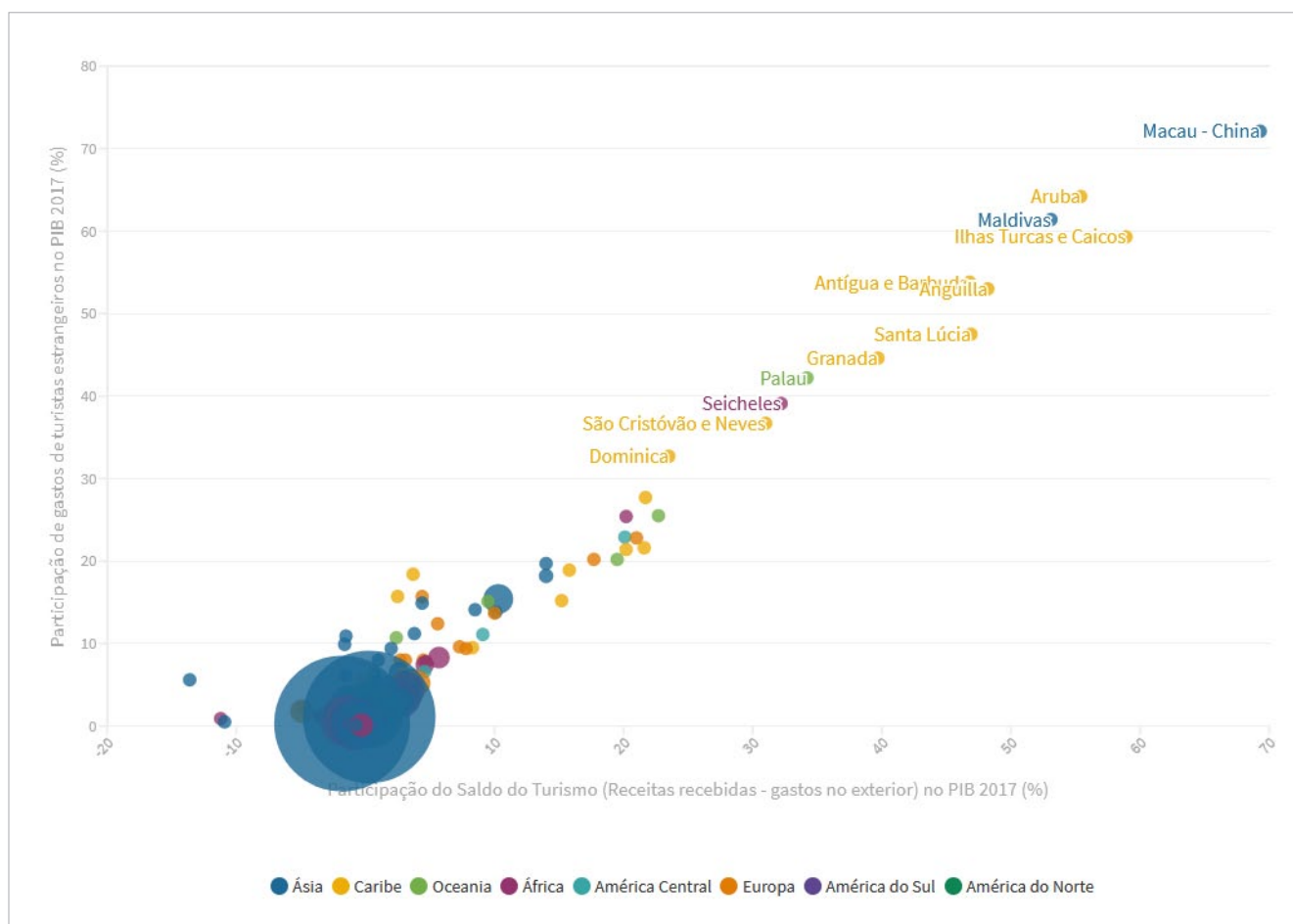
Países muito vulneráveis

Primeiramente, o indicador de vulnerabilidade à crise COVID-19 foi construído e aplicado no âmbito internacional, sendo composto por informações disponibilizadas pela Organização Mundial do Turismo (OMT) indicativas do grau de dependência dos países em relação às receitas provenientes do turismo internacional, na esteira de iniciativas similares re-

centes (Gaffney & Eeckles). Conforme demonstra o Gráfico 1 abaixo, a principal medida desta dependência é representada pelo volume de gastos de turistas estrangeiros em um dado país e sua magnitude frente ao PIB nacional, visualizada a partir do eixo vertical. Como fator de ponderação, acrescenta-se ainda a mensuração do tamanho do saldo decorrente da contabilização de receitas recebidas de e enviadas para outros países em função dos fluxos turísticos internacionais, representada no eixo horizontal. Esta última permite perceber se grandes volumes de receitas advindas do turismo internacional, indicados pelo eixo vertical, são eventualmente compensados por gastos de turistas nacionais no exterior. Desta forma, países com saldos positivos no eixo horizontal (mais à direita) são aqueles predominantemente receptores, enquanto saldos negativos (mais à esquerda) indicam economias majoritariamente emissoras de turistas. Por último, o tamanho dos pontos representa a magnitude populacional de cada país, enquanto a cor indica a localização continental.

Portanto, quanto maior a proximidade do canto superior direito, maior será o grau de vulnerabilidade. E quanto menor o ponto de representação no gráfico, maior a tendência ao agravamento do grau

Figura 1: Vulnerabilidade nacional à crise econômica desencadeada pela pandemia COVID-19



de vulnerabilidade indicado pelo parâmetro anterior.

Os resultados indicam seis países – Macau, Aruba, Maldivas, Ilhas Turcas e Caicos, Antígua e Barbuda e Anguilla – em condição de extrema vulnerabilidade frente à crise econômica gerada pela pandemia COVID-19, por apresentarem volume de gastos de turistas estrangeiros correspondente a mais da metade de seus PIBs. Embora em condições relativamente menos fragilizadas, outras seis nações – Santa Lúcia, Granada, Palau, Seicheles, São Cristóvão e Neves e Dominica – apresentam alta vulnerabilidade, por estarem situados na faixa entre 30% e 50%.

Algumas características chamam atenção: praticamente todos os países são pequenas ilhas, com população inferior a 500 mil habitantes e com turismo predominantemente baseado em atrativos naturais. Em ambos os grupos há o predomínio de nações caribenhas, que sozinhas representam dois terços do total. A exceção é Macau, um protetorado continental chinês com mais de meio milhão de habitantes. Este é o único caso no mundo a ter quase três quartos de sua economia baseada em receitas oriundas de turistas – em geral atraídos não pelas belezas naturais locais, mas por seus cassinos.

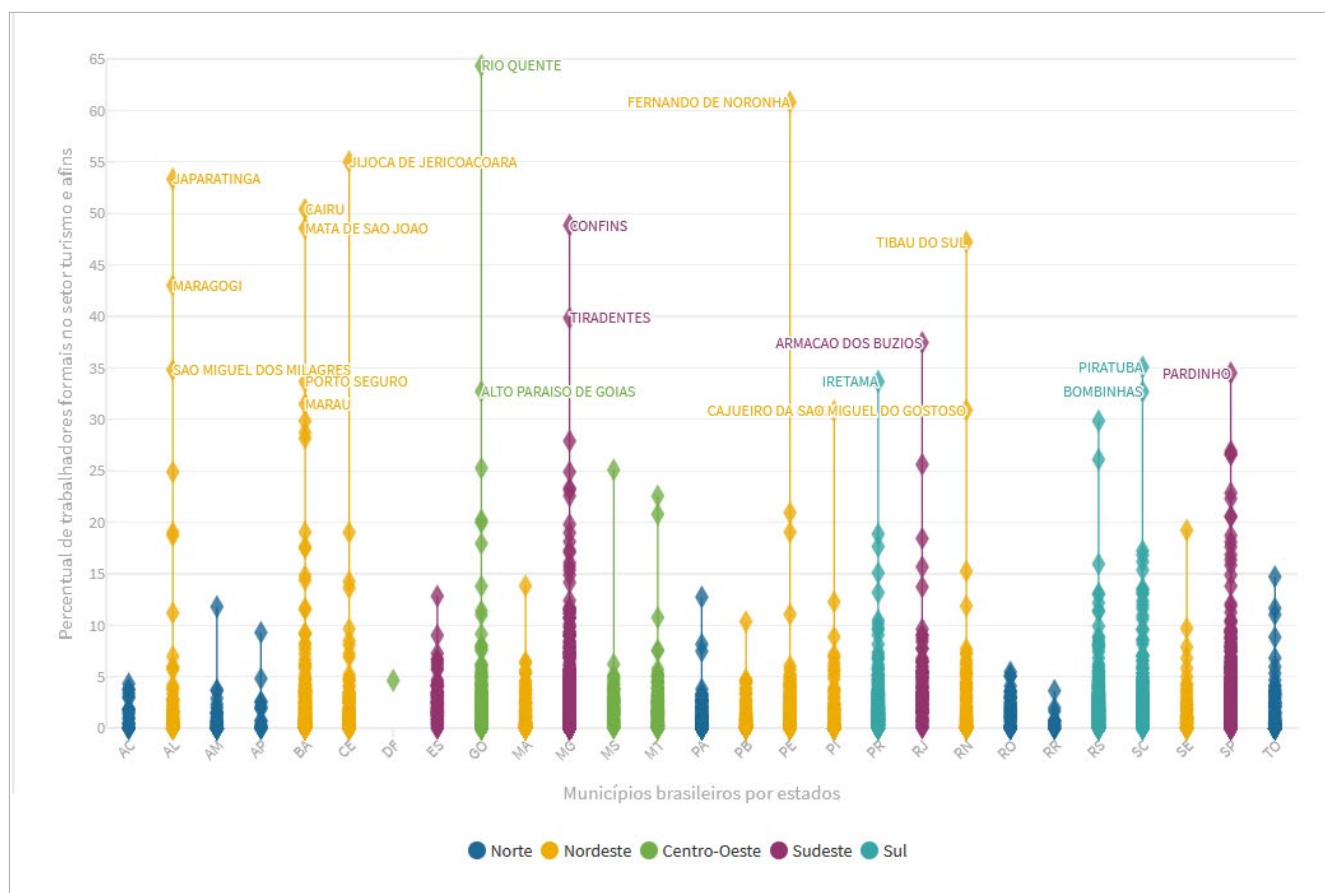
Portanto, os países mais vulneráveis à grande depressão que se inicia são aqueles de pequenas dimensões físicas, contingentes populacionais diminutos e

excessivamente dependentes dos gastos de turistas estrangeiros em seus territórios. A abrupta interrupção de linhas aéreas e marítimas decorrente da quarentena de combate à pandemia tende a causar nestes países impactos bem acima da média no que se refere aos padrões de aumento do desemprego, de deterioração da renda do trabalho e de aumento do contingente populacional em condições de pobreza e miséria. É provável que um dos principais resultados seja o retorno de substanciais parcelas da população a uma economia de subsistência e às áreas rurais. E também é razoável esperar desdobramentos políticos como o aumento do descontentamento da população local e da utilização de meios coercitivos para a contenção de tensões sociais.

Municípios brasileiros muito vulneráveis

A dependência do setor de turismo como parâmetro medidor do grau de vulnerabilidade também foi considerada no ambiente brasileiro, com o objetivo de identificar quais são aqueles municípios muito vulneráveis à atual depressão econômica global. Contudo, neste caso, não há dados de desempenho setorial detalhados disponíveis para o nível municipal. Assim, optou-se pela utilização das informações presentes na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS),

Figura 2: Vulnerabilidade municipal à crise econômica desencadeada pela pandemia COVID-19



Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados da RAIS-Ministério do Trabalho (Brasil, 2018). Para maiores detalhes, ver versão ampliada disponível em <https://public.flourish.studio/story/265683/>

publicada pelo Ministério do Trabalho. Foram selecionados os dados referentes à população municipal empregada nas atividades entendidas como mais vulneráveis por dependerem mais fundamentalmente do fluxo e presença de consumidores (representadas pelas categorias “transporte aéreo”, “alojamento”, “alimentação” e “agências de viagens, operadores turísticos e serviços de reservas”). Em seguida, verificou-se a proporção desta população dentro do total de vínculos empregatícios em cada município, conformando assim o indicador de vulnerabilidade municipal à crise econômica COVID-19, sintetizado no Gráfico 2.

O indicador posiciona os municípios ao longo do eixo vertical de acordo com o grau de participação do conjunto dos setores selecionados no total de vínculos locais. O eixo horizontal dispõe os municípios segundo as unidades federativas, enquanto as diferentes cores representam as grandes regiões do país. Com base neste conjunto de parâmetros, os municípios mais vulneráveis estão destacados com seus respectivos nomes por extenso.

Primeiramente, há um grupo de cinco municípios – Rio Quente (GO), Fernando de Noronha (PE), Jijoca de Jericoacoara (CE), Japaratinga (AL) e Cairu (BA) – onde o número de empregados do setor de turismo e afins representa mais de 50% do total de vínculos, indicando uma extrema vulnerabilidade destas cidades. Algumas semelhanças são identificadas: todos são de porte pequeno, com população menor que 20 mil habitantes. Ao mesmo tempo, são excepcionalmente bem conectados, com acesso à infraestrutura de transportes e hoteleira desenvolvida – quase todos contam com aeroportos e grandes resorts. E, com exceção de Rio Quente, estão todos situados na costa da Região Nordeste.

Em um segundo nível, forma-se um grupo de 16 municípios que possuem trabalhadores do turismo e afins representando entre 30% e 50% do total da força de trabalho formal local, caracterizando assim um nível ainda alto de vulnerabilidade. Entretanto, este conjunto é mais heterogêneo do que o primeiro: embora a maioria seja de cidades pequenas, há um município com mais de 100 mil habitantes – Porto Seguro (BA) – e quatro com população entre 20 mil e 50 mil habitantes – Mata de São João (BA), Armação dos Búzios (RJ), Maragogi (AL) e Maraú (BA). A conjunção da alta dependência do setor de turismo com contingentes populacionais maiores pode fazer com que a alta vulnerabilidade se torne um problema com implicações para além do âmbito local. Corroborando este diagnóstico o fato de haver uma concentração destes municípios na Bahia, indicando implicações possivelmente mais profundas naquele estado.

Entretanto, o problema de alta vulnerabilidade

nas demais cidades – Confins (MG), Tibau do Sul (RN), Tiradentes (MG), São Miguel dos Milagres (AL), Piratuba (SC), Pardinho (SP), Iretama (PR), Bombinhas (SC), Alto Paraíso de Goiás (GO), Cajuí da Praia (PI) e São Miguel do Gostoso (RN) – não deve ser negligenciado. Algumas são especialmente frágeis por dependerem de um único grande empreendimento – as melhores ilustrações desta condição são os casos de resorts nas estâncias termais de Piratuba e Iretama.

Apesar das distinções entre os dois grupos e entre seus subgrupos, vale ressaltar características comuns. Os 21 municípios identificados agrupam um total de mais de 42 mil trabalhadores formais empregados no setor de turismo e afins. Os efeitos diretos da rápida perda destes empregos e da renda do trabalho associada deveriam ser substanciais. Há que se atentar também para os efeitos multiplicadores destas perdas, que se estenderão à montante e à jusante na cadeia produtiva. Pode ocorrer um retorno substantivo de suas populações a atividades de subsistência, em função da ausência de alternativas gerada pelo encolhimento do mercado de trabalho. Esses municípios serão ainda particularmente afetados por uma aguda queda de arrecadação tributária.

Diante deste quadro, conclui-se que a região nordeste precisará de atenção especial por possuir a maioria absoluta de municípios em extrema ou alta vulnerabilidade, com destaque para o estado da Bahia. Por outro lado, a região norte não registrou nenhum município extremamente ou altamente vulnerável.

DIRETRIZES DE AÇÃO

Através de revisão bibliográfica e da construção do indicador de vulnerabilidade socioeconômica, o presente trabalho pôde identificar os territórios, populações e setores de maior fragilidade frente aos desafios impostos pela crise econômica global associada à pandemia COVID-19, em diferentes escalas. O reconhecimento de tais desigualdades permite considerar frentes de ações prioritárias para atender às necessidades mais urgentes. À guisa de conclusão, são indicados os principais fundamentos que deverão balizar a administração pública na mitigação dos efeitos sociais do que deverá ser a maior depressão econômica em um século:

- Visão heurística do problema e coordenação global: a extensão socioespacial da crise exige uma compreensão totalizante do fenômeno. Agentes posicionados em diferentes pontos do espectro político-ideológico reconhecem a importância da articulação de respostas supranacionais (IMF, 2020; ILO, 2020;

CEPAL, 2020; Zizek, 2020). Ações de cunho meramente local, regional e até mesmo nacional tendem a ter efeitos reduzidos caso não sejam integradas em políticas públicas de maior fôlego espaço-temporal.

- Protagonismo do investimento público: conforme observado por diferentes fontes (Harvey, 2020; Badiou, 2020; CEPAL, 2020; IMF, 2020), não será possível vislumbrar a amenização de impactos sem um maciço volume de dinheiro público. A visão fragmentada e com fins meramente lucrativos de agentes privados e a atual interrupção das cadeias produtivas de diversos setores não permitem uma resposta baseada em tradicionais estímulos neoliberais ao mercado (isenções fiscais a empresários, privatização, desregulamentação etc.). A estatização de empresas estratégicas e a adoção de instrumentos fiscais e monetários menos conservadores com vistas a ações amplamente coordenadas e ao estímulo direto à demanda agregada devem passar a ser as ferramentas-chave nesse processo de recuperação. A suspensão ou cancelamento de dívidas de países e municípios mais vulneráveis e a transferência direta de recursos serão fundamentais.

- Priorização dos mais vulneráveis: Devido à aguda desigualdade socioespacial e à consequente variação do grau de vulnerabilidade, é preciso priorizar ações voltadas para o atendimento das necessidades dos territórios e populações mais fragilizados. A suspensão de dívidas e a transferência de recursos devem ser primeiramente direcionadas aos países e municípios mais vulneráveis e aos trabalhadores informais, seguidos pelos trabalhadores formais e microempresários.

- Adaptação das atividades turísticas: faz-se necessário repensar as práticas do setor mais afetado. A utilização de hotéis para abrigar profissionais da saúde, pacientes e população de rua, financiada através de recursos públicos, é uma opção mais imediata. A organização de eventos virtuais a partir destes espaços é outra opção. Além disso, ao longo do processo gradual de reestabelecimento da circulação de pessoas, mercados turísticos locais dependentes de deslocamentos mais curtos deverão ser priorizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADIOU, Alain. Sobre a situação epidêmica. In Davis, Mike. et al., **Coronavírus e a luta de classes. Brasil: Terra Sem Amos**, 2020, pp. 35-42.

BRASIL. RAIS Vínculos. **Ministério do Trabalho e Emprego**, 2018. Disponível em: http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_rais_vinculo_id/caged_rais_vinculo_basico_tab.php. Acesso em 15 maio de 2020.

BRENNER, N., PECK, J. & THEODORE, N. Após a neoliberalização? **Cadernos Metrópole**, v.13, n. 26, 2012, pp. 15-39.

BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus limites. In G. Agamben et al., **Sopa de Wuhan** (pp. 59-65). Buenos Aires: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.

CEPAL. América Latina y el Caribe ante la pandemia del COVID-19: Efectos económicos y sociales. **Informe Especial COVID-19**, n 1, 3 abr. de 2020. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45337/4/S2000264_es.pdf. Acesso em: 26 maio de 2020.

CORONAVÍRUS: EUA são acusados de 'pirataria' e 'desvio' de equipamentos que iriam para Alemanha, França e Brasil. **BBC News Brasil**, 4 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52166245>. Acesso em 26 maio de 2020.

DEMIER, Felipe. A lei do desenvolvimento desigual e combinado de Leon Trotsky e a intelectualidade brasileira: breves comentários sobre uma relação pouco conhecida. **Revista Outubro**, nº 16, 2007, p.75-107.

DYNIWICZ, Luciana. Setor aéreo sofrerá ao menos até 2023. **O Estado de São Paulo**, 19 abr. de 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/04/19/setor-aereo-sofrera-ao-menos-ate-2023.htm>. Acesso em 26 maio de 2020.

GAFFNEY, C. & ECKLES, B. Tourism Risk in the Americas. **Journal of Latin American Geography** 19(3), 2020. No prelo.

GOOGLE. COVID-19 Community Mobility Report, 29 mar. 2020. Disponível em: https://www.gstatic.com/covid19/mobility/2020-03-29_BR_Mobility_Report_en.pdf. Acesso em 26 maio de 2020.

HAN, Byung-Chul. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byung-Chul Han. **El País**, 22 mar. De 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>. Acesso em 26 maio de 2020.

HARVEY, David. **A Loucura da Razão Econômica**. São Paulo: Boitempo, 2018.

HARVEY, David. Política anticapitalista em tempos de COVID-19 In Davis, Mike et al., **Coronavírus e a luta de classes**. Brasil: Terra Sem Amos, 2020, pp. 13-24..

ILO. ILO Monitor: COVID-19 and the world of work. Second edition Updated estimates and analysis, 7 abr. 2020. Disponível em:

- https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms_740877.pdf. Acesso em 26 maio de 2020.
- IMF. Chapter 1: The great lockdown. **World Economic Outlook**, abr. 2020. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2020/04/14/weo-april-2020>. Acesso em 26 maio de 2020.
- KLEIN, N. **The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism**. New York, USA, Metropolitan Books, 2009.
- MAGALHÃES, Luiz Ernesto. Em meio à pandemia de coronavírus, Rio tem cerca de 60 hotéis fechados. **O Globo**, 6 abr. de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/em-meio-pandemia-de-coronavirus-rio-tem-cerca-de-60-hotéis-fechados-1-24353876>. Acesso em 26 maio de 2020.
- MUELLER, Benjamin. Eight U.K. Doctors Died From Coronavirus. All Were Immigrants. **The New York Times**, 8 abr. De 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/04/08/world/europe/coronavirus-doctors-immigrants.html>. Acesso em 26 maio de 2020.
- OMT. Macroeconomic indicators related to international tourism 2014 - 2018 (01.2020). **Elibrary**, 2020. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/suppl/10.5555/unwtot-fb0000320520142018202001>. Acesso em 26 maio de 2020.
- RIOTTA, Chris. Coronavirus: US unemployment hits another record high after 4.4m more workers file for jobless aid. **The Independent**, 23 abr. 2020. Disponível em <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-unemployment-jobless-aid-coronavirus-latest-figures-a9480056.html>. Acesso em 26 maio de 2020.
- SCHEIDEL, W. **The Great Leveler: Violence and the History of Inequality from the Stone Age to the Twenty-First Century**, Princeton: Princeton University Press, 2017.
- SUMNER, A., HOY, C. & ORTIZ-JUAREZ, E. Estimates of the impact of COVID-19 on global poverty. WIDER Working Paper 2020/43. **United Nations University**, abr. 2020. Disponível em: <https://www.wider.unu.edu/sites/default/files/Publications/Working-paper/PDF/wp2020-43.pdf>. Acesso em 26 maio de 2020.
- THE WORLD BANK. The Economy in the Time of Covid-19, 12 abr. de 2020. Disponível em <https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/33555/9781464815706.pdf?sequence=5>. Acesso em 26 maio de 2020.
- TILLY, C. **Durable Inequality**. Berkeley: University of California Press, 1999.
- TONDO, Stephanie. Coronavírus: turismo será o setor mais afetado pela crise e levará mais tempo para se recuperar. **O Globo**, 12 abr. de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/coronavirus-turismo-sera-setor-mais-afetado-pela-crise-levara-mais-tempo-para-se-recuperar-1-24366522>. Acesso em 26 maio de 2020.
- WALKER, P.G.T. et al. Report 12: The Global Impact of COVID-19 and Strategies for Mitigation and Suppression. **Imperial College COVID-19 Response Team**, 26 mar. de 2020. Disponível em <https://www.imperial.ac.uk/media/imperial-college/medicine/mrc-gida/2020-03-26-COVID19-Report-12.pdf>. Acesso em 26 maio de 2020.
- VALENTINO-DEVRIES, J., LU, D. & DANCE, G.J.X. Location Data Says It All: Staying at Home During Coronavirus Is a Luxury. **The New York Times**, 3 abr. de 2020. Disponível em <https://www.nytimes.com/interactive/2020/04/03/us/coronavirus-stay-home-rich-poor.html>. Acesso em 26 maio de 2020.
- ZIZEK S (2020) Um golpe como “Kill Bill” no capitalismo. In Davis, Mike. et al., **Coronavírus e a luta de classes**. Brasil: Terra Sem Amos, 2020, pp. 43-47. ■